

Jurdi, Andrea; Silva, Carla Cilene da; Brunello, Maria Inês (Orgs.).
2017. *Cirandas do Brincar: Formações e Práticas Profissionais*.
São Paulo: Editora da Unifesp. 240 p.

Hiperaceleração da vida cotidiana, intensificação do trabalho e necessidade de mostrar-se como alguém bem-sucedido a todo momento, essas são algumas das características do mundo atual, que Byung-Chul Han (2015) chama de sociedade do desempenho. No entanto, paradoxalmente, esta é também a sociedade do cansaço e do fracasso, pois, movido pela velocidade das máquinas, o tempo do humano se esvai causando adoecimento e exaustão. Qual o antídoto para isso? Ser capaz de parar, contemplar o mundo à nossa volta e, fundamentalmente, brincar. Desaprendemos a brincar e com isso perdemos também o que há de humano em nós. A importância do brincar e de reaprender a fazê-lo é a questão fundamental do livro: *Cirandas do Brincar: Formações e Práticas Profissionais*. Organizado por Andrea Jurdi, Carla Cilene da Silva e Maria Inês Brunello, trata-se de uma coletânea de textos com resultados de diferentes experiências de um coletivo de docentes e profissionais da educação e da saúde. O livro divide-se em duas partes. Na primeira, os textos abordam o brincar de uma perspectiva mais voltada à formação e ao ensino de diferentes áreas. Já na segunda parte, apresentam-se experiências com o brincar a partir de projetos de extensão em diferentes contextos empíricos.

O livro possui onze capítulos, escritos por 22 autoras e um autor, apontando para um panorama rico de reflexões, aprendizados e vivências do brincar em experiências educativas, de saúde e desenvolvimento. Para melhor apresentá-lo, não retomarei detalhadamente cada um dos capítulos, mas tentarei tratar de seus principais temas e questões. Cabe ressaltar que o livro se inicia com um texto mais conceitual, de Tânia Fortuna, com uma reflexão sobre as muitas formas de pensar e nomear o brincar. Nele, já se aponta um pressuposto de todas as autoras do livro: o brincar é uma atividade humana fundamental. Destaca-se também sua ambiguidade numa sociedade que exalta o desempenho das máquinas e o utilitarismo, pois, ao mesmo tempo que valoriza o brincar como espaço do prazer, também o despreza como inútil. Ademais, desde o início temos em mãos uma obra interdisciplinar em muitos níveis, desde o mais geral, que toma o lúdico como o entrecruzamento de muitos olhares disciplinares, até os contextos particulares das práticas e formações, que se realizam pela colaboração de profissionais de diferentes áreas. Há de se destacar, por exemplo, o projeto interdisciplinar do Campus Baixada Santista da Universidade Federal de São Paulo, do qual muitas das autoras fazem parte, que permite com que o brincar torne-se um rico tema na formação de diferentes cursos da área da saúde, como Terapia Ocupacional, Psicologia, Nutrição, Educação Física e Fisioterapia.

A partir dessa abordagem interdisciplinar, o tema do lúdico é discutido de múltiplas perspectivas, sem a busca de uma conceituação unívoca e totalizante. Assim, no campo do ensino e da pesquisa, o livro apresenta metodologias de formação em experiências formais e não formais de educação, neste último caso, com destaque para projeto de criação de brinquedotecas comunitárias e estímulo ao desenvolvimento de ludoeducadores. O lúdico também é pensado na experiência universitária em si, como é o caso dos relatos sobre os desafios do ensinar a brincar na formação dos terapeutas ocupacionais brincantes, ou mesmo do educador lúdico, ou, ainda, do nutricionista que toma o brincar como fundamental na pesquisa sobre o comportamento alimentar de crianças, mas também em trabalhos de educação alimentar. A saúde mental, principalmente em instituições voltadas para crianças, é outro campo de atuação em que o brincar apresenta-se como fundamental.

No contexto das práticas de extensão, há também uma rica diversidade de experiências, curiosamente todas ligadas a uma certa fase da vida, como um capítulo que aborda os idosos e todos os outros quatro que trazem a questão das crianças. Sobre o primeiro, tem-se o projeto que trabalha com a memória do brincar entre idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade, da Unifesp – Baixada Santista, que realiza rodas de conversa e promove propostas de pesquisa que permitam uma retomada da cultura imaterial e dos espaços, práticas e objetos do brincar, reavivando assim o brincante que existe nos idosos. Destaque também para o projeto de oficinas lúdicas em instituição de acolhimento de crianças em bairro de alta vulnerabilidade social da cidade de Santos, que defende o brincar como um direito social para o desenvolvimento da criança. A questão do lúdico como fundamental para o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças está também presente em projeto que realiza momentos de brincar num Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil da cidade de São Paulo. Outro capítulo, sobre a importância da brincadeira na educação infantil, apresenta um levantamento de como – apesar do diagnóstico da importância do lúdico para o aprendizado, presente em documentos oficiais e legislações – ainda há muito para se avançar no que diz respeito à prática cotidiana da educação infantil, de modo a inserir mais plenamente o lúdico em afinidade com a realidade cultural das crianças. Por fim, prosseguindo no campo da infância e do brincar, há a apresentação de um projeto de extensão que visa propiciar, a estudantes de diferentes cursos, a formação como contadores de histórias infantis, a partir da inserção em contextos de alta vulnerabilidade social da cidade de Santos.

Uma análise mais geral do livro e dos muitos temas nele abordados, coloca-nos duas questões: 1) Quem pode brincar afinal? 2) Para que serve o brincar? A última, mais fácil de responder, aparece em muitos dos textos, que destacam que o brincar não tem de servir para nada, a não ser o próprio brincar pelo brincar. Ele é, por isso mesmo, o antídoto para as mazelas de uma sociedade consumista, utilitária e narcísica.

O segundo questionamento, entretanto, é mais complexo, pois numa resposta mais apressada poderíamos dizer: todos! Contudo, como as autoras mostram, sob diferentes perspectivas, e como já destacado no parágrafo anterior, parece que ainda há um enfoque maior do lúdico como um elemento fundamental para as crianças, ou para os idosos. Os jovens, na condição de estudantes universitários, ou os adultos, em todos os textos aparecem principalmente na condição do formador para o brincar. O que nos coloca, portanto, outra questão: podem os adultos brincar por brincar? Na sociedade do desempenho, ser produtivo e um empreendedor de si parece ser a regra, daí o pouco espaço para o lúdico, o ócio e a contemplação. Daí também a pouca importância que se atribui à brincadeira para jovens e adultos. Afinal, tornar-se adulto seria coisa séria. E nada mais improdutivo do que o brincar. Nesse sentido, a lição que nos fica do livro é a de que precisamos nos divertir mais e aprender a criar mais espaços compartilhados de lazer e brincadeira. O lúdico não serve para definitivamente nada, entretanto ele nunca foi tão necessário em nossas vidas como nos tempos atuais.

Referência

Han, B. (2015). *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes.

Alexandre Barbosa Pereira

Professor do Departamento de Ciências Sociais
da Universidade Federal de São Paulo
Email: alebp1979@gmail.com